

SOLIDÃO: A REPRESENTAÇÃO DO TRÁGICO EM *DOS DESTROÇOS, O RESGATE*, DE ARRIETE VILELA

Cármem Lúcia Tavares Almeida Dantas (UFAL)

A escritora alagoana Arriete Vilela, autora do livro *Dos destroços, o resgate*, nasceu em Marechal Deodoro e tem uma produção literária marcadamente lírica, iniciada com a publicação do livro *Eu, em verso e prosa*, no ano de 1971. Sua obra, hoje, constitui-se de poemas, crônicas e contos de natureza intimista, com rápida incursão no campo da pesquisa biográfica.

Arriete Vilela é um nome já consolidado na literatura alagoana. Seus escritos têm sido estudados a nível de graduação e de pós-graduação, em monografias, ensaios e dissertações. O livro mais conhecido da escritora, *Fantasia e avesso*, hoje na 3ª edição, é adotado no vestibular da UFAL e foi objeto de estudo da dissertação de mestrado da Profª. Edilma Bonfim, em 1992.

Vilela é detentora de inúmeros prêmios, tendo sido distinguida como Mérito Cultural, pela União Brasileira de Escritores, no Rio de Janeiro, em 1988. É mestra em Literatura Brasileira e membro da Academia Alagoana de Letras.

A obra em estudo, *Dos destroços, o resgate*, lançada em 1994, é uma prosa poética, formada por textos autônomos. Apesar de cada texto constituir um episódio, é a reunião deles que constrói a narrativa em sua visão totalizadora. Porque, embora haja independência na estrutura dos textos separadamente, há na obra um caráter de unicidade temática que lhe dá fôlego de uma narrativa encadeada.

Em *Dos destroços, o resgate*, os episódios de infância que marcam a psicologia da narradora, estigmatizada pelos conflitos familiares de que logo cedo foi vítima, são abordados como em sessões psicanalíticas, onde cada texto retrata um momento traumático de sua

vida. Suas vivências fundem lembranças e percepções fragmentadas, levando-a a reviver a infância de modo cuidadosamente tratada.

Os fatos são encadeados e historiados pela lógica do pensamento e dos sentimentos da menina que ela foi, a qual, na impossibilidade de se comunicar com seus familiares, trava conflitos no próprio íntimo. Dessa maneira, transporta-se para o fulcro das vivências passadas, mantendo o distanciamento temporal necessário ao ato de narrar.

A ação ocorre no passado, mas se prolonga pelo presente: “Cirandinha triste no peito. Ainda hoje”. Este final de texto mostra as cicatrizes fincadas na alma da menina, cujas marcas não se apagam, apesar do tempo, apesar do resgate.

A infância se destaca como o tempo que, embora distante, reabre cicatrizes, atualizando inseguranças:

Estreita porta, esta, por onde recomeço. Difícil passagem.
Lanhar-me tanto, necessariamente, não carecia de. Mas,
conseguir este ponto ultrapassar, sem sangramentos, não
consegurei. Ilesa, nunca não estará a minha alma.⁴⁸

Como adulta, a narradora vê com distanciamento a história da menina que ela foi. Os fatos já se lhe apresentam como material ficcional, a ser tratado literariamente. O *eu* presente da narradora escava o passado em busca de significados que não puderam ser compreendidos pelo *eu* da personagem no tempo em que estavam sendo vividos. Uma mulher em busca de uma menina que é ela própria. Uma narradora em luta com a palavra para reproduzir, com veracidade as recordações da meninice. O passado invade o presente da criação artística e, embora reabra cicatrizes, é tratado como potencialidade catártica. Personagem infantil e narradora se unem numa tentativa quase sisífica de compreensão das experiências traumaticamente

⁴⁸VILELA, Arriete. *Dos destroços, o resgate*. Maceió: gráfica e Editora Gazeta de Alagoas, 1994, p. 55. A partir daqui a paginação será indicada no corpo do texto.

vividas. A narradora, então, reconstitui uma história de vida centrada no processo psicológico de sondagem interior.

A obra é dividida em duas séries de textos: *Cirandinha* e *Empresta-me os bilros, avó?* Em ambas, o conteúdo dramático é conduzido e instigado pela contradição que marca, de maneira incisiva, o mundo dos adultos e o mundo da criança, estabelecendo entre eles diferenças radicais.

A narradora conta a história de seu passado vivido em meio a problemáticos desencontros familiares, que fizeram dela um ser para o qual a vida está sempre em débito, justamente por lhe haver sonogado a alegria irrecuperável da infância: um ser que amadureceu à custa de repressões duras e de responsabilidades arbitrariamente impostas.

A temática dos textos se constitui em uma incansável busca da razão primeira: cascavilhar lembranças faz parte da arqueologia da narradora, numa tentativa renovada de ir à fonte, ao âmago da dor, às regiões mais profundas para, de lá, resgatar conteúdos destroçados e transformá-los em autoconhecimento.

Na série primeira, *Cirandinha*, registra-se a violência de uma mãe rancorosa e a impotência de uma filha indefesa. A menina tem que conviver, sem tréguas, com uma mãe ameaçadora e com um pai indesejado, igualmente – ou talvez mais ameaçador. Ela presencia o duelo em que pai e mãe se defrontam, por questões amorosas, nunca bem resolvidas, e daí decorrem sobras de pancadaria e agressões verbais que vão minando o mundo fragilizado da criança, imprimindo-lhe, de modo irreversível, as marcas da insegurança e da permanente sensação de catástrofe iminente.

Na segunda série, *Empresta-me os bilros, avó?*, a menina não desiste de tentar uma aproximação com a avó, levada pelo fascínio que tal personalidade lhe suscita. Fascínio e curiosidade. Vontade grande de mergulhar nos mistérios da avó, pois o que não se dá a ver é justamente o que o desejo busca. Ela procura compreensão para a falta de afeto, dos pais. Não encontra, contudo, receptividade. A avó trata a menina com indiferença, como se estivesse permanentemente distraída, fato que

gera inquietação à criança, cujas reações naturais são sempre abafadas pelo temor de chegar de modo errado à alma do outro.

O segundo bloco de textos tem como foco dominante da narrativa a fixação da personagem central em desvendar os segredos da avó, tão envolvida pelos véus de seus mistérios. Nessa busca silenciosa e constante, a menina dá asas à fantasia, criando situações, justificativas e encantamentos que a sua fértil imaginação insiste em projetar. No texto 5, desta série, referindo-se à avó, ela diz:

Meus olhos conferem singularidade aos seus passos e, por isso, sigo-a às escondidas. Penso, talvez, que um dia ela atravessará a cerca do quintal e, magicamente, entrará no seu próprio mundo, ao encontro de si mesma (65).

Mesmo na tentativa de dialogar, há a indicação de que a linguagem perdeu sua função como meio de comunicação. As incessantes perguntas da neta ficam sem respostas, alimentando a distância de relacionamento que existe entre elas e aumentando o clima de mistério que envolve a personalidade da avó.

Se na 1ª série, *Cirandinha*, ocorre a tensão psicológica na relação da filha com os pais, na 2ª, *Empresta-me os bilros, avó?*, o clima tensional parte da frustração da neta em busca de atenção e afeto.

A mãe é a pungente obsessão da narradora-personagem e a avó é sua doce fixação. Em meio a essa gangorra de afetos, a narrativa se desenvolve de acordo com os sentimentos e com a dimensão do trágico na perspectiva infantil. Nas zonas de silêncio do próprio texto, o que se percebe é, na verdade, a voz da menina em tensão conflitiva entre afeto e temor.

É essa trama, fiel à concepção do drama psicológico, que vai caracterizar o trágico na literatura de Arriete Vilela.

A tensão entre a personagem e sua família está no âmago de todos os textos. A relação com os pais a amedronta. A convivência com a avó a atrai.

Ninguém se entende na família, nem esforço faz para se fazer entender. A mãe é um ser em estado puro de agressividade. Os limites de seu mundo são tão estreitos que não lhe parecem permitir um passo além dos impulsos naturais e instintivos. A menina é quase ignorada pela avó que a fascina. A qualquer tentativa de diálogo, recua e não permite que a neta tente penetrar no seu mundo impermeável. Espreita a vida através dos postigos da alma. O olhar perde-se no além, como se estivesse perscrutando o próprio tempo, indiferente às tímidas investidas de aproximação da neta. O diálogo entre ambas toma a forma de uma conversa distorcida, como dois monólogos que se entrecruzam. A menina é tímida, mas curiosa e indagativa, enquanto a avó é distraída e fugidia.

A consciência do isolamento oprime a personagem que se sente dominada pelo trágico quadro do drama humano: *a solidão*. Apesar disso, sabe preservar a identidade de si mesma em meio ao aturdimento que lhe causam a incompreensão, a violência e a injustiça dos que a cercam. O sentido da vida passou a ser uma busca individual, sem que mesmo ela disso se aperceba. Essa teia tecida pelo ambiente familiar, faz desaparecer do universo infantil as expectativas de afeto e de proteção, deixando em seu lugar o imenso espaço do vazio, que é a própria condição do trágico no texto de Arriete Vilela.

O universo da protagonista parece mesmo ter sido criado à margem do mundo sartriano: mundo de conflitos, em que as relações humanas se processam sob a égide da desavença; mundo aflitivo no qual a tensão entre o indivíduo isolado e a entidade familiar gera conflitos que evidenciam a impossibilidade de comunicação em família.

A história que os textos narram em *Dos destroços, o resgate* é a de um ser indefeso, apanhado num labirinto de desavenças, tentando um modo de estabelecer contato com os que vê à sua volta, mas impedido de concretizar essa aproximação por barreiras de entendimento.

A protagonista, oprimida pela pressão familiar, submete-se a uma condição disciplinar ascética: em vez da fala, a mudez; em vez da

comunicação, o isolamento, e assim também a percepção substitui a expressão espontânea, como o querer é abafado pelo não-poder.

Deste modo, o enredo converge para o tema da solidão e do isolamento da personagem, sua dificuldade em se comunicar com os outros, sua sujeição às pressões externas e sua inquietação frente às pressões internas igualmente conflituosas.

Toda a ação narrativa do livro é desenvolvida a partir do jogo de dizer sem esperar resposta ou de responder o que não foi perguntado. Nesse caso, os textos tornam-se dinâmicos, assumindo movimentos reversivos que vão da linguagem ao silêncio, do silêncio à linguagem, tomando forma, por vezes, de um diálogo dissônico ou de um monólogo íntimo.

No texto 5, da série segunda, a importância predominante do trabalho com a linguagem revela-se de maneira metafórica. Nele, a narradora detém-se na solitária tarefa da avó de tecer rendas e, identificando-se com ela, associa o tilintar dos bilros no traçar dos fios ao emaranhado de letras no papel a compor palavras. Em ambas, prevalece o fazer, a lida artesanal, pacientemente repetida, seja com os fios, seja com as palavras; ambas são realizadas como um ritual, alheias, inclusive, à função utilitária que porventura possam ter; e, finalmente, ambas visam a um meio particular de elaboração de uma necessidade imperiosa de depuração da própria razão de existir:

– Avó, só vou falar uma coisa e pronto, não falo mais nada. É que, quando eu crescer, viu avó?, eu também quero fazer renda, mas não é de linha, não, é outra renda. A gente pode fazer renda em papel?

– Besteira, menina, papel serve para escrever,

– Então vou poder fazer renda, se escrever?

– Acho melhor você ficar calada. Pega a tabuada e vai estudar, vai.

A tabuada não pego. Mas um caderno. Nele, pequenas palavras escrevo, à-toa.

Como uma renda, ao som dos bilros da avó, à fresca da tarde ... (67)

Na analogia, já a vocação, já o desejo inconsciente de fazer da palavra uma renda poética, cujos fios teceriam o imaginário sempre voltado para os fatos da infância.

Entregando-se a linguagem, a narradora volta a ser menina: o seu desejo do discurso é a compensação pela falta do *outro*, a garantia da sua identidade, mesmo cindida, a chance de emergir de um mundo sombrio e enclausurado para uma realidade de fantasias poéticas.

Os diversos textos mostram que a inquietude provocada pelo ambiente doméstico deixa a menina desamparada e solitária em face da vida, mas, com igual rapidez com que as crianças normalmente se recuperam dos males físicos, ela, logo refeita, está novamente predisposta à alegria, embora uma alegria momentânea, fugaz, desordenada mesmo: "Entre mim e as outras crianças, uma diferença: elas são alegres, eu alegre estou" (30).

Ao se chegar ao final deste exame, conclui-se que *Dos destroços, o resgate* está enquadrado na perspectiva do trágico, conforme o sentido contemporâneo do termo. O herói trágico de hoje está mais próximo do homem comum. Nele pode mesmo não se configurar o erro ou a culpa trágica. O que vai caracterizá-lo como tal é a busca constante de algo inatingível, a angústia existencial, o pressentimento culposo de algo que não se evidencia claramente, a intuição de que há um sentido na existência, mas a certeza de que ele nunca será encontrado. Esta tendência vai-se acentuando na ficção do século XX, surgindo como veículo do trágico nas produções de autores do quilate de Virginia Woolf, Pirandello e outros.

As chamadas representações trágicas na arte contemporânea, seja no palco ou nas páginas de um romance, refletem, em sua essência, a precariedade da posição do homem no universo, ou a ostensiva falta de grandeza deste e de suas ações. Tal enfoque mostra que é possível encontrar o sentido do trágico na substituição da ação propriamente dita por um clima de pré-ação. Isto é, a atmosfera que antecede a ação passa a ser mais valorizada e explorada. A visão *cerradamente trágica* é substituída por uma envolvente intuição de

caráter trágico que mina os acontecimentos e se infiltra na alma das personagens causando-lhes as mais variadas e surpreendentes reações. É este mesmo clima de expectativa, de pré-ação que trata de uma dor surda, silenciosa, diluída no cotidiano, que faz minar na alma da protagonista de *Dos destroços, o resgate* males de seqüelas incuráveis, provocados pela angústia da solidão.

Não há no texto em estudo um clima crescente de tensão que leva à inevitabilidade da catástrofe, mas há, sem dúvida, uma tensão contínua e contida que, pela sua permanência, prenuncia o trágico que não se concretiza de forma explícita, pois se instaura no próprio clima tensional do enredo. Para caracterizá-lo ainda mais como um texto de abordagem trágica, evidencia-se o conflito que se estabelece entre a violência da mãe e a impotência da menina. Uma passagem do texto 11, da série *Cirandinha*, mostra com clareza essa relação:

– Anda, menina, vai, vai!
No canto permaneço, sem ação, pelo medo paralisada.
Tremem-me as pernas, arregalam-se-me os olhos. Nem pareço uma filha, mas uma refém (40).

O texto é uma história de vida recriada, cuja reinterpretação está atrelada a uma vivência de dor e a um corajoso percurso de retorno. As pressões e injustiças sofridas, evocadas num libelo de manifestações artísticas, provam como o ato de narrar desempenha o papel de agente libertador de emoções reprimidas.

Vista por este prisma, a narradora, em meio à dicotomia vida/arte, dissipa as arestas da realidade fibrosa e caminha para dentro de sua própria história, buscando a paz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. De la mémoire et de la Réminiscence. In: *Parna Naturalia*. Paris: Belles Lettres, s.d. p. 55.
-----, *Poética*. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- BORNHEIM, Gerd A. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Col. Debate)
- FERGUSSON, Francis. *Evolução e sentido do teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- FREUD, Sigmund. *Lembranças encobridoras*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a, v. 3 p. 271-287.
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, s.d. v. 2.
- LAPLANCHE, J. *A sublimação: Problemáticas III*. São Paulo: M. Fontes, 1989.
- VILELA, Arriete. *Dos destroços, o resgate*. Maceió: Gráfica Editora Gazeta de Alagoas, 1994.
- WILLEMART, Philippi. *Além da psicanálise: a literatura e as artes*. São Paulo: Nova Alexandria, FAPESP, 1995. (Série Pensamento Universitário)